

Natália Francisquetti Silva Vieira  
Marta Regina Paulo da Silva

**COMO**

**NÓ**

**e**

**NÓS**

Perspectivas para a  
avaliação documentada  
e participativa na creche





Copyright © 2021 Natália Francisquetti Silva Vieira e  
Marta Regina Paulo da Silva • 1ª edição

---

Ficha catalográfica elaborada por  
Liliane Castro – Bibliotecária CRB-8/6748

---

V658c Vieira, Natália Francisquetti Silva  
Como nó e nós : perspectivas para a avaliação documentada e participativa na  
creche [recurso eletrônico] / Natália Francisquetti Silva Vieira, Marta Regina  
Paulo da Silva. – 1. ed. - São Paulo: Amélie Editorial, 2021.  
13.500 kb.

ISBN 978-65-86652-24-6.

1. Educação infantil. 2. Documentação pedagógica. 3. Creches.  
4. Avaliação da aprendizagem. I. Silva, Marta Regina Paulo da. II. Título.

CDD: 372.24  
CDU: 373.24

---

Todos os direitos reservados. Proibida a reprodução, mesmo parcial, por qualquer processo, sem citação da fonte. A Editora não se responsabiliza por eventuais danos causados pelo mau uso das informações contidas neste livro.

Diretora de Conteúdo e Planejamento: Aline Gongora  
Diretora de Produção: Nathalia Ferrarezi  
Assistente Editorial: Marcella Pavani

Projeto gráfico, diagramação e capa: Aline Gongora  
Revisão: Nathalia Ferrarezi  
Iconografia: Marcella Pavani  
Imagem de capa: Istockphoto

Impresso no Brasil  
*Printed in Brazil*



COMO NÓ E NÓS É O LIVRO N. 68 DA AMÉLIE.  
QUANDO CHEGA A HORA, PRECISA SALTAR SEM HESITAR.  
SEJA UM AUTOR INDEPENDENTE. PUBLIQUE COM A AMÉLIE!  
ENVIE SEU ORIGINAL PARA ANÁLISE: [PLANEJAMENTO@AMELIEEDITORIAL.COM](mailto:PLANEJAMENTO@AMELIEEDITORIAL.COM).

 [WWW.AMELIEEDITORIAL.COM](http://WWW.AMELIEEDITORIAL.COM)   AMELIEEDITORIAL

# Agradecimentos

A todas as crianças, famílias e parceiras de trabalho da Creche Municipal Professora Elisabete Lilian Piccinin, que compartilharam comigo a intensa aventura de construir um processo educativo em tempos tão incertos e desafiadores de pandemia.

À Prefeitura Municipal de São Caetano do Sul, que me cedeu Bolsa de Estudos para cursar o mestrado, e à Secretaria Municipal de Educação de Santo André, que autorizou a realização da pesquisa.

À Profa. Dra. Marta Regina Paulo da Silva, pela amorosidade, companhia e parceria ao longo dessa trajetória investigativa. Ao Prof. Dr. Rodnei Pereira e à Profa. Dra. Amanda Cristina Teagno Lopes Marques, que integraram a banca examinadora de qualificação e defesa da pesquisa de mestrado e teceram importantes contribuições para o estudo.

*Natália Francisquetti Silva Vieira*

Agradeço a todas as crianças que nos desafiam, cotidianamente, a mantermos em nós nossa meninice e aos educadores e educadoras que seguem, esperançosamente, na luta por uma educação infantil como prática da liberdade.

*Marta Regina Paulo da Silva*

# Prefácio

Este *e-book* discute *avaliação*, temática cuja complexidade é amplificada ao tratarmos do contexto da Educação Infantil e, em especial, da creche. Não raramente constatamos, nos diferentes níveis de ensino, a associação da avaliação da aprendizagem à lógica do exame, da quantificação e da padronização, como se a avaliação não fizesse parte do processo pedagógico, mas se colocasse *após* aquele como instrumento restrito a aprovação ou retenção do estudante, a atribuição de nota ou conceito. Nesse cenário, a avaliação articula-se a uma lógica excludente, contribuindo para processos de seleção operados *no interior* da escola, escola esta que deveria constituir-se como espaço de inclusão de todos, em especial dos filhos da classe trabalhadora, local de acolhimento e promoção da apropriação de conhecimentos produzidos historicamente e socialmente pela humanidade, condição para a inserção crítica e transformadora da sociedade.

Romper essa lógica excludente implica assumir um compromisso *político* com determinadas concepções de mundo, colocando a avaliação a serviço de processos de ensino-aprendizagem, desenvolvimento e emancipação. Isso demanda não apenas rever os *instrumentos* utilizados para avaliar, mas, sobretudo, construir formas de acompanhamento que efetivamente dialoguem com uma *concepção* de avaliação como elemento inerente à prática pedagógica, uma avaliação a serviço da promoção dos educandos em seu processo de aprendizagem e desenvolvimento. No contexto da educação infantil, trata-se de questionar finalidades da avaliação da aprendizagem e concepções de criança, de educação e de infância que a sustentam, bem como de cons-

truir formas de registro e documentação do processo coerentes com essas concepções.

Romper a lógica que vincula avaliação a exame – restrito à constatação de uma realidade e à classificação – implica, ainda, assumir um compromisso *ético* com estudantes, famílias e sociedade; demanda a construção de uma postura de profundo respeito ao outro como ser humano em um contexto marcado por rigor e amorosidade de que trata Paulo Freire. Na creche, a dimensão ética implica a valorização das vozes de crianças, famílias e educadores, o diálogo, a presença e o olhar sensível que permite enxergar conquistas e avanços, a articulação entre cuidar e educar, potencializando processos de reflexão sobre a prática pedagógica e planejamento de intervenções que ampliem as possibilidades de bebês e crianças explorarem e conhecerem o mundo.

Às dimensões política e ética da avaliação na educação infantil, podemos acrescentar a dimensão *metodológica*, que se articula às demais e à teoria pedagógica. O “como fazer” emerge como caminho metodológico em resposta às concepções que fundamentam a prática educativa como prática pedagógica; pedagógica porque é intencional, ancorada em concepções de mundo. Se queremos superar a lógica da avaliação como padronização e classificação, e construir formas de avaliar que dialoguem com a perspectiva de *acompanhamento* de processos e sustentação do processo pedagógico, há que se propor instrumentos que deem conta da complexidade do trabalho pedagógico com bebês e crianças pequenas.

Esta obra, escrita por Natália Francisquetti Silva Vieira, professora atuante na educação infantil pública e, agora, mestre em Educação, e Marta Regina Paulo da Silva, sua orientadora, vem no sentido de

responder a essas problematizações. As autoras propõem “a construção de uma nova cultura para o fazer avaliativo da creche” (p. 45) em diálogo com o paradigma de avaliação como *acompanhamento* no contexto de uma *práxis participativa* na qual as vozes de crianças e famílias se fazem presentes. Além de propor, as autoras constroem junto a uma turma de creche uma *avaliação documentada*, apresentando os fundamentos teórico-metodológicos dessa concepção.

Nesta obra, professores, formadores, gestores, estudantes de Pedagogia e profissionais da educação em geral encontrarão uma densa discussão sobre a avaliação no contexto da creche, em diálogo com um projeto educativo pautado na valorização da infância, na criança como sujeito de direitos e protagonista de seu processo de aprendizagem. A avaliação se articula a processos de observação, registro, reflexão e reordenação da ação educativa, demandando a construção de um processo de documentação pedagógica capaz de conferir visibilidade à trajetória de aprendizagem da criança, intencionalidade pedagógica e projeto pedagógico da instituição (p. 21).

A *práxis pedagógica* se faz presente neste *e-book*, no qual encontramos mini-histórias construídas no contexto concreto do trabalho docente que trazem à tona a ação da criança, o olhar da família e a profissionalidade de uma professora atenta e sensível aos destinatários da ação pedagógica. Acolhimento, diálogo, participação, escuta, afeto, reflexão e conhecimento se fazem presentes, culminando na produção de um texto no qual teoria e prática se mostram como faces da mesma totalidade.

Em tempos de pandemia, negacionismo e obscurantismo, o livro *Como nó e nós: perspectivas para a avaliação documentada e parti-*

*participativa na creche* é, também, um manifesto em defesa da infância, da educação infantil, da escola pública, do diálogo, da democracia e da valorização da profissão docente. Em alusão à fala do professor Rodnei Pereira, quando da participação na sessão e defesa deste trabalho, seria importante que esta obra também fosse lida por aqueles que estão à frente das políticas públicas para a educação. Em um contexto no qual a lógica empresarial – pautada em ideais de padronização, “eficiência”, redução de investimentos na educação, aligeiramento dos processos educativos e da formação docente – faz-se cada vez mais presente, torna-se necessário, mais do que nunca, unir esforços no sentido de defender a educação pública, laica e gratuita, na qual crianças e adultos possam vivenciar processos participativos e dialógicos de compreensão do mundo. Esta obra caminha nessa direção, apresentando uma grande contribuição ao campo.

*Amanda Cristina Teagno Lopes Marques*

*Doutora e mestre em Educação pela Universidade de São Paulo (USP).  
Graduada em Pedagogia pela mesma universidade. Professora do Instituto  
Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo (IFSP)*

# Sumário

**Introdução, 9**

**1 A especificidade do fazer avaliativo na creche, 13**

**2 A avaliação documentada e participativa na creche no contexto de pandemia, 24**

**3 Por uma nova cultura avaliativa na creche, 42**

**Referências, 45**

**Sobre as autoras, 50**

# Introdução

Este *e-book* é resultado da pesquisa de mestrado *A avaliação documentada e participativa na creche no contexto de pandemia: narrativas da trajetória de aprendizagem*, de Natália Francisquetti Silva Vieira, 2021, sob a orientação da Profa. Dra. Marta Regina Paulo da Silva.

Nessa investigação, foi desenvolvido um projeto de intervenção em uma creche municipal na cidade de Santo André (SP) com um grupo de crianças de 2 a 3 anos de idade, com a premissa de se construir uma sistemática de avaliação processual e contextualizada ao cotidiano pedagógico que viabilizasse a participação da tríade professora, crianças e famílias, bem como testemunhasse a potência e a autoria de meninos e meninas em sua jornada de aprendizagem.

A creche é uma instituição destinada ao atendimento educacional de bebês e crianças bem pequenas; um espaço privilegiado para a vivência de experiências da infância, a convivência com a diversidade, a interação com pares e o desenvolvimento integral de meninos e meninas.

No Brasil, em março de 2020, tiveram início as medidas de isolamento social em virtude do cenário da pandemia decorrente da Covid-19, o que acarretou, entre tantos impactos sociais, a suspensão do atendimento presencial nas instituições educacionais. Nesse contexto de excepcionalidade e emergência, foi construído um projeto educativo remoto que implicou muitos desafios à prática docente.

Na creche em que ocorreu o projeto interventivo, foi construído colaborativamente entre professoras e familiares um processo educativo de atendimento não presencial, como um meio para que as crianças



pudessem continuar vinculadas aos sujeitos e a alguns fazeres que integravam o cotidiano vivenciado na instituição. Para tanto, foi criado um grupo no WhatsApp com professoras, auxiliares e um familiar de cada criança. Com base nas interações virtuais, foi possível compartilhar notícias do dia a dia, propor sugestões de brincadeiras e outros fazeres, como desenhos e modelagens, além de realizar chamadas de vídeo para leitura de histórias.

No decorrer dessa ação educativa, foi produzido um processo documental com a narrativa da trajetória percorrida, o qual foi denominado “Como nós e nós”. A metáfora do “nó” foi utilizada para se referir à documentação, concebendo-a como um elo entre os sujeitos, que possibilita visibilidade ao percurso, estar juntos(as) e assim, constituir o “nós”, isto é, a identidade coletiva do grupo.

A documentação coletiva subsidiou a construção da narrativa individual de cada criança, que foi utilizada como instrumento avaliativo para testemunhar os saberes e os fazeres de meninos e meninas, bem como o projeto educativo construído remotamente.

A temática da avaliação da aprendizagem com crianças bem pequenas é um assunto de discussão polêmica e necessária, tendo em vista a presença de contradições entre o que é legalmente assegurado e as práticas que são efetivadas no interior das instituições educacionais. Assim, por meio desta publicação, tem-se como objetivo contribuir para o processo investigativo a fim de se realizarem “novos possíveis” ao fazer avaliativo na creche, situado em um projeto educativo centrado na criança, construído colaborativamente entre os sujeitos e que respeite a vivência das infâncias.

Este *e-book* é constituído de três seções. A primeira, intitulada “A especificidade do fazer avaliativo na creche”, é destinada à fundamentação teórica sobre a perspectiva da avaliação de acompanhamento. Com base nos pressupostos da abordagem das pedagogias participativas, discute-se a participação da tríade no processo avaliativo, subsidiado pela documentação pedagógica para acompanhar, refletir, tornar visível e comunicar o percurso de aprendizagem e a produção das crianças.

A seção “A avaliação documentada e participativa na creche no contexto de pandemia” apresenta a narrativa do percurso de construção de um processo avaliativo documentado e participativo no âmbito do atendimento remoto, efetivada durante o projeto interventivo. Distante de um modelo a ser seguido, tem-se como premissa fomentar reflexões sobre o fazer avaliativo construído colaborativamente por vozes plurais.

Por fim, sem a intenção de esgotar a temática, na seção “Por uma nova cultura avaliativa na creche”, é feita uma reflexão sobre algumas perspectivas para a construção de práticas avaliativas contextualizadas à jornada educativa, que revelem o percurso, os saberes e as produções das crianças, bem como viabilizem a participação da tríade.

Sobre a experiência educativa remota, é importante elucidar que, embora a dedicação e os esforços das professoras e dos familiares para a consolidação de um projeto educativo no contexto pandêmico, o atendimento não presencial foi uma medida emergencial, oriunda de um cenário inusitado e que não comunga com a gênese do trabalho pedagógico na Educação Infantil, que tem como eixos norteadores do currículo as interações e as brincadeiras.



# I

## A especificidade do fazer avaliativo na creche

A elaboração de uma prática avaliativa na creche é uma ação complexa, que precisa ser efetivada no cotidiano pedagógico em consonância com os elementos identitários que fundamentam o atendimento educacional de crianças bem pequenas.

No âmbito das legislações nacionais, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBN – Lei n. 9.394/96) determina que o projeto educativo na creche tem como especificidade a indissociabilidade entre o educar e o cuidar, o desenvolvimento integral da criança e a complementação às ações da família, o que fomenta a necessidade de construção de relações dialógicas entre ambas as instituições (BRASIL, 1996).

A atuação em parceria entre creche e famílias no processo de educar e cuidar representa uma importante premissa do trabalho pedagógico nesta etapa, ao considerar a proximidade das aprendizagens entre esses dois contextos. “Nessa direção, e para potencializar as aprendizagens e desenvolvimento das crianças, a prática do diálogo e o compartilhamento de responsabilidades entre a instituição de Educação Infantil e a família são essenciais” (BRASIL, 2017, p. 36). Portanto, é importante que sejam assegurados meios para a efetivação de uma vivência participativa entre todos os sujeitos, em uma perspectiva de acolhida, respeito e valorização à diversidade cultural e aos modos de vida.

A construção das propostas educativas é fundamentada em uma imagem de criança e infância. As Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (DCNEI) concebem a criança como um sujeito histórico, de direitos e produtor de cultura (BRASIL, 2010). O reconhecimento de meninos e meninas como atores sociais e o entendimento da infância como uma categoria social do tipo geracional (SARMENTO, 2005) correspondem a uma mudança paradigmática, que convoca a concretização de um projeto educativo emancipatório, sustentado no respeito às identidades, às singularidades e às potencialidades de cada um(a).

Nessa perspectiva, à luz da Pedagogia da Infância, a elaboração do projeto educativo na creche deve ser embasada na valorização às vivências das infâncias, na imagem de criança como sujeito de direitos, produtora de cultura e protagonista no seu processo de aprendizagem, sendo esse um percurso de construção não linear, de curiosidade e criatividade.

A especificidade do atendimento pedagógico ofertado na creche tem como *locus* a experiência educativa em contextos coletivos, em que a aprendizagem e o conhecimento estão associados à ação investigativa da criança no mundo, por meio de suas hipóteses, teorias e questionamentos, produção cultural e da expressão em suas diferentes linguagens. A Revisão das Diretrizes Curriculares Nacionais para Educação Infantil (BRASIL, 2013) apresenta a criança como o centro da ação pedagógica e o currículo como um conjunto de práticas que vincula os saberes de meninos e meninas com o patrimônio cultural. Isso se contrapõe à perspectiva de “ensinagem” decorrente dos contextos de “infância em situação escolar” (ROCHA, 1998), presente nos modelos pedagógicos hegemônicos de escolarização e preparação para o ingresso no ensino fundamental.

A concepção de criança como um ator social demanda por um contexto de convivência dialógica e relações horizontais, em que não há hierarquia entre a voz dos(as) adultos(as) e das crianças. Nesse sentido, Tonucci (2005, p. 18) compreende que a participação política infantil implica uma vivência democrática de escuta às falas de meninos e meninas:

Esta é a primeira e verdadeira condição para que se possa conceder a palavra às crianças: reconhecer que são capazes de dar opiniões, ideias e de fazer propostas úteis para nós, adultos, capazes de nos ajudar a resolver nossos problemas. Se assim for, a relação com ela será correta, entre cidadãos adultos e pequenos cidadãos, mas agora cidadãos.

A horizontalização entre as vozes de crianças e adultos(as) é um meio para superar a concepção adultocêntrica no projeto educativo na creche. O direito de participação infantil assegura a meninos e meninas o direito de serem consultados(as) e escutados(as), opinarem, terem acesso a informações e estarem envolvidos(as) nos processos de tomadas de decisão sobre os assuntos que lhes dizem respeito (SOARES, 2005).

A criança tem o direito de participar ativamente em todos os contextos sociais em que está inserida, em uma relação de igualdade de vozes com os(as) adultos(as) e agência em seus cotidianos. O espaço educacional, desde a creche, tem como premissa promover meios para que as crianças exerçam a sua agência política e atuem ativamente no cotidiano pedagógico. Neste trabalho, em específico, será tratado sobre a participação das crianças, junto aos seus familiares, no processo avaliativo na creche em contexto de atendimento não presencial.

## O fazer avaliativo na creche

A avaliação é uma tarefa inerente ao trabalho pedagógico. De acordo com a LDBN (BRASIL, 1996), as DCNEI (BRASIL, 2010) e a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) (BRASIL, 2017), o fazer avaliativo com crianças bem pequenas tem como finalidade acompanhar o projeto educativo e o percurso de aprendizagem dos meninos e das meninas.

Essa perspectiva de avaliação de acompanhamento assegurada nos documentos oficiais refere-se a uma ação processual e contextualizada ao cotidiano pedagógico, centrada na criança e na ação educativa. Sendo assim, as práticas avaliativas de verificação, mensuração e classificação das capacidades de meninos e meninas – comumente efetivadas em algumas instituições por meio do uso de instrumentos homogeneizadores e excludentes, como as fichas de desenvolvimento, por exemplo – não atendem às particularidades do fazer avaliativo na creche, pois não contribuem para a orientação do trabalho pedagógico e, tão pouco, para a trajetória de aprendizagem das crianças.

O paradigma de avaliação classificatória é decorrente de uma concepção de Educação Infantil como etapa preparatória e tem como propósito padronizar os saberes, os fazeres, as condutas e os interesses das crianças. Como consequência, sustenta a construção de estereótipos, pois considera como “fora do padrão” quem não corresponde ao que foi previamente elencado como parâmetro ideal. De acordo com Hoffmann (1996, p. 11):

O modelo de avaliação classificatória se faz presente nas instituições de educação infantil quando, para elas, avaliar é registrar ao final de um semestre (periodicidade mais frequente na pré-escola) os ‘comportamentos que a

criança apresentou', utilizando-se, para isso, as listagens uniformes de comportamentos a serem classificados a partir de escalas comparativas, tais como: atingiu, atingiu parcialmente, não atingiu; muitas vezes, poucas vezes, não apresentou; muito bom, bom, fraco e outras. [...] O cotidiano da criança não é verdadeiramente levado em conta, nem é considerada a postura pedagógica do educador, à semelhança do ocorrido no ensino regular.

Esse modelo de prática avaliativa descontextualizada do percurso e centrada nos resultados alcançados desconsidera a identidade das crianças e o processo trilhado por cada uma na construção da aprendizagem. Desse modo, compreende-se que a avaliação classificatória não atende à perspectiva de acompanhamento, pois não está a serviço da ação pedagógica, mas, sim, do cumprimento de demandas burocráticas e de entrega de documentos ao final de algum período letivo.

Por essa razão, identifica-se como necessária uma mudança acerca das concepções e práticas avaliativas efetivadas no interior das instituições educacionais, de modo a superar o caráter burocrático e classificatório, além de avançar para um fazer que valorize a produção cultural infantil e contribua com a intencionalidade pedagógica e com a condução do projeto educativo, pois:

Avaliar não é fazer um 'diagnóstico de capacidades', mas acompanhar a variedade de ideias e manifestações das crianças para planejar ações educativas significativas. Parte de um olhar atento do professor, um olhar estudioso que reflete sobre o que vê, sobretudo um olhar sensível e confiante nas possibilidades que as crianças apresentam. (HOFFMANN, 2018, p. 30)

A avaliação é um fazer intencional e reflexivo, que tem compromisso em conhecer a criança e recolher indícios para a condução da prática docente, de modo a contribuir com o seu itinerário de apren-

dizagem. Nesse horizonte, Hoffmann (1996; 2014; 2018) apresenta o conceito de *avaliação mediadora*, que tem como premissas:

- um projeto educativo para a vivência das infâncias, acolhedor à individualidade de cada um(a) e à diversidade;
- a concepção do(a) professor(a) como um(a) investigador(a) da sua prática docente e dos fazeres das crianças, um(a) companheiro(a) que se coloca ao lado de meninos e meninas para conhecer os seus interesses, suas indagações e teorias;
- a compreensão da avaliação como uma tarefa integrada ao cotidiano pedagógico, desempenhada por meio de observação, registro e interpretação para a continuidade da ação pedagógica.

As DCNEI (BRASIL, 2010) apresentam a observação e o registro como instrumentos que subsidiam o fazer avaliativo, pois possibilitam acompanhar a aprendizagem das crianças para reordenar a ação educativa, conforme Figura 1.1.

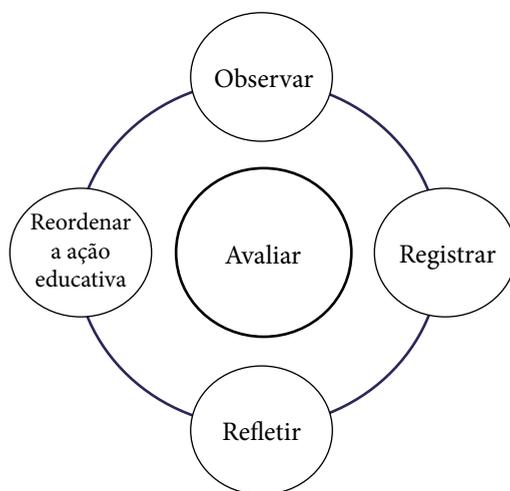


Figura 1.1. Ciclo da sistemática de avaliação.

Os registros produzidos são oriundos de uma observação atenta e sensível do(a) professor(a) para coletar informações, refletir, analisar e interpretar os observáveis. Observar o percurso educativo das crianças é recolher indícios, “[...] não é vigiá-la, mas, sim, fazer vigília por ela, isto é, estar e permanecer acordado por ela, na cumplicidade da construção do projeto, da cumplicidade pedagógica” (WEFFORT, 1996, p. 15). Isso significa que a observação ultrapassa o ato de olhar, pois implica também a atenção, a escuta e a acolhida a meninos e meninas em suas singularidades.

Entretanto, conceber a prática observacional e a prática de produção de registros como sinônimo de avaliação é um equívoco, visto que “[...] o processo avaliativo envolve necessariamente a reflexão crítica sobre o que se observou e a ação pedagógica decorrente de apoio ao aprendiz, sendo esta a finalidade da avaliação mediadora” (HOFFMANN, 2014, p. 251).

O acompanhamento às crianças e ao grupo exige o compromisso com uma prática investigativa e testemunhal, que produza memória individual e coletiva. Nessa perspectiva, a abordagem da documentação pedagógica contribui para o fazer avaliativo, pois possibilita acompanhar, registrar, interpretar, refletir, planejar e comunicar o cotidiano e o percurso de aprendizagem das crianças.

A documentação pedagógica é uma estratégia política e pedagógica, reflexiva e democrática (DAHLBERG; MOSS; PENCE, 2019) que viabiliza a participação da tríade no processo de tornar visíveis a autoria de meninos e meninas no projeto educativo e a intencionalidade docente, conforme elucida Oliveira-Formosinho (2019, p. 122):

Documenta-se para conhecer a criança, para vê-la pensar, sentir, fazer, aprender. Documenta-se para criar e mostrar outra imagem de crianças. Cria-se material de grande autenticidade porque se refere à vivência, à experiência de cada criança e do grupo. Usa-se esse material para projetar a ação educacional, para partilhar com as famílias e com a organização, para monitorar o cotidiano de ensino e sua relação com a aprendizagem das crianças, para fazer investigação praxiológica.

As informações documentadas no decorrer da jornada da criança na creche contribuem para o acompanhamento do percurso de cada uma. Também apoiam a reflexão sobre a prática docente, para a adequação do planejamento de modo a atender às especificidades individuais e do grupo, isso em uma perspectiva dialética, de escuta às crianças e aos familiares.

A observação, a escuta, o registro e a interpretação são os pilares da documentação pedagógica. Como representado na Figura 1.2, após o recolhimento de indícios sobre as crianças, é necessário refletir sobre os observáveis e, com base nisso, reordenar a continuidade da ação educativa, tornar visível, testemunhar e comunicar o processo vivenciado pela criança na creche.



Figura 1.2. Ciclo de abordagem da documentação pedagógica.

A escuta pressupõe estar atento às manifestações de meninos e meninas que são expressas em suas diferentes linguagens. É compreendida em uma dimensão mais profunda que o ouvir:

[...] escutar é uma metáfora para estar aberto aos outros, ter sensibilidade para ouvir e ser ouvido, em todos os sentidos. [...] Em particular, escutar é dar a si próprio e aos outros um tempo para ouvir. [...] Desse modo, escutar é dar valor ao outro; não importa se você concorda ou não com ele. Aprender a escutar é uma tarefa difícil, é preciso se abrir para os outros, e todos nós precisamos disso. (RINALDI, 2019, p. 209)

A cultura da escuta (RINALDI, 2019) refere-se à sensibilidade e à ética nas relações horizontais entre crianças e adultos(as). É um elemento que possibilita o empoderamento das vozes e das linguagens das crianças, o que corresponde a um desafio a ser consumado nas instituições, ainda fortemente sustentadas pelo adultocentrismo.

A interpretação diz respeito ao âmbito cultural e subjetivo, além de ser fundamentada nas concepções e referências do(a) observador(a). A comunicação do processo educativo com a comunidade educacional possibilita visibilidade à trajetória de aprendizagem da criança, à intencionalidade pedagógica e ao projeto pedagógico da instituição.

O paradigma de avaliação de acompanhamento implica ressignificar o âmbito das relações. Etimologicamente, acompanhar significa estar junto, ser companheiro(a), portanto emana por uma convivência dialógica e de parceria entre professor(a), famílias e crianças. Ao(à) professor(a), em específico, acompanhar e documentar a jornada da criança no cotidiano na creche exige um olhar de respeito, acolhida e valorização de suas ações, seus questionamentos, suas potencialidades e suas necessidades.

A prática de documentar o cotidiano pedagógico produz marcas que comunicam e constroem memória sobre a experiência vivenciada na creche. “A documentação é também considerada uma forma de conferir visibilidade à criança enquanto pessoa e ser pensante, e à *cultura da infância*” (MARQUES, 2010, p. 128). Entretanto, é importante evidenciar que compreender essa abordagem como sinônimo de produção de uma coletânea de registros, reunidos aleatoriamente e sem intencionalidade, é um equívoco. Conforme elucidado por Malaguzzi (2016), documentar é uma estratégia para revelar os saberes das crianças e construir significados, pertencimento e autoria.

Por meio de observação, escuta, registros, reflexão e interpretação, é possível construir uma narrativa sobre a história de cada criança em seu percurso de aprendizagem, individual e coletiva, de modo a revelar o processo trilhado, seus fazeres, saberes, interações, hipóteses e questionamentos sobre o mundo. Nesse sentido, compreende-se que a documentação pedagógica contribui para a perspectiva de avaliação de acompanhamento, característica do trabalho pedagógico na creche.



## 2

# A avaliação documentada e participativa na creche no contexto de pandemia

O fazer avaliativo na creche é uma ação que ocorre no tempo e no espaço em que o projeto educativo é desenvolvido. Neste processo, a abordagem da documentação pedagógica possibilita acompanhar a aprendizagem de cada criança, construir significado (RINALDI, 2014), tornar visível e testemunhar a produção cultural infantil e a intencionalidade pedagógica, uma vez que “O conceito de documentação pedagógica envolve um modo de olhar, de refletir, de fazer, de pensar e de comunicar o cotidiano pedagógico e as aprendizagens das crianças e dos adultos” (FOCHI, 2019, p. 14).

A sistemática de avaliação documentada é compreendida como uma perspectiva para o fazer avaliativo na creche que comunga com a especificidade de acompanhamento, pois se constitui em uma narrativa sobre a história de aprendizagem da criança, a qual tem como finalidade compreender os seus saberes, tornar visível e comunicar suas teorias, hipóteses, questionamentos e produções.

Tendo como fundamento os princípios da abordagem das pedagogias participativas, o fazer avaliativo é concebido sob uma visão democrática, decorrente de um contexto educativo emancipatório e dialógico, constituído de relações horizontais e reflexões partilhadas entre adultos(as) e crianças. Nesse sentido, a documentação subsidia

a sistemática de avaliação participativa, pois viabiliza a multiplicidade de vozes no acompanhamento da ação educativa e da aprendizagem de meninos e meninas.

Para Pascal e Bertram (2019), o processo de coleta de informações e avaliação é uma ação coletiva, de responsabilidade compartilhada entre a tríade. Assim, a participação das crianças na construção da documentação proporciona oportunidades de reflexão e compreensão sobre o caminho percorrido durante a sua jornada de aprendizagem. Aos familiares, assegura a atuação e o envolvimento no acompanhamento da experiência educativa de seu(sua) filho(a).

No contexto de pandemia, em uma creche municipal na cidade de Santo André (SP), o projeto educativo remoto com crianças bem pequenas foi consolidado por meio da atuação em parceria entre educadoras e familiares, com base em interações em um grupo virtual de WhatsApp, em que houve a socialização de propostas de atividades, chamadas de vídeo para leitura de histórias e envio de *kits* de materiais. Mesmo com os limites e os desafios impostos pelo cenário pandêmico, buscou-se desenvolver estratégias que possibilitassem a participação das crianças e das famílias por meio de um projeto educativo dialógico e que comungasse com a especificidade do trabalho pedagógico na creche.

No decorrer do percurso trilhado durante o atendimento não presencial na creche, a documentação pedagógica foi utilizada como uma estratégia para subsidiar o planejamento, o acompanhamento, a reflexão e a comunicação. Concomitante à consolidação do projeto educativo remoto, foi construído um processo documental denominado “Como nó e nós”, com a narrativa da trajetória vivenciada pelo coletivo do grupo de crianças com seus familiares e as educadoras.

## **A construção de um processo documental durante o atendimento não presencial**

Ao longo do projeto educativo não presencial, a professora ofertou no grupo virtual propostas semanais de atividades para que as crianças pudessem experienciar brincadeiras, desenhos, modelagens, construções, entre outros. Também foram realizadas chamadas de vídeo para encontros entre a docente, as crianças e suas famílias, para conversas e leitura de histórias.

No contexto da experiência educativa não presencial, a atuação em parceria entre professora e familiares foi imprescindível para a continuidade do atendimento às crianças. Entretanto, é importante destacar que o envolvimento das famílias no projeto educativo é uma premissa do trabalho pedagógico na creche que não pode se restringir apenas ao cenário pandêmico.

As marcas da experiência educativa remota foram produzidas coletivamente. Os familiares e as crianças enviavam no grupo virtual fotografias, filmagens e mensagens de texto e em áudio para comunicar as experiências do cotidiano, contar o percurso dos meninos e das meninas durante a realização das propostas sugeridas e socializar as produções, como os desenhos, as modelagens e as construções, por exemplo. Esse acervo de registros foi organizado e catalogado pela professora em pastas, para, posteriormente, serem interpretados e refletidos durante a ação investigativa, a fim de acompanhar, refletir e direcionar a ação educativa, tendo como compromisso contribuir com a aprendizagem das crianças.

A observação e o registro são instrumentos metodológicos (WEFFORT, 1996) que auxiliam o(a) professor(a) a conhecer e intervir no projeto educativo e no processo de aprendizagem das crianças, pois “[...] o registro que se converte em documentação pedagógica é um meio privilegiado para ampliação da compreensão dos conceitos e das teorias sobre as crianças – para dar visibilidade à cultura da infância [...]” (OSTETTO, 2017, p. 28). Contudo, em razão das particularidades do atendimento remoto emergencial, foi preciso construir novas estratégias para realizar o acompanhamento do itinerário de meninos e meninas. Desse modo, o processo observacional ocorreu com base nos registros recebidos no grupo virtual (mensagens escritas e de voz, fotografias e filmagens).

A escuta e a interpretação subsidiam o percurso investigativo de acompanhar, conhecer e produzir significado sobre a experiência educativa. No contexto remoto, a escuta às crianças ocorreu para além da linguagem verbal manifestada nas mensagens de áudio e nas conversas durante as chamadas de vídeo. “Escutar é um verbo ativo que significa interpretar e atribuir sentido às mensagens do outro” (AZEVEDO, 2009, p. 30). Sendo assim, a interpretação das fotografias e dos vídeos também foi utilizada como estratégia de escuta aos meninos e às meninas.

De acordo com Riera (2019, p. 98) documentar é um ato interpretativo, que transcende a descrição:

Se a descrição trata daquilo que é ou daquilo que aconteceu, a interpretação vai mais além e enfoca o *por que (sic)*, o *como*, e o *de que maneira*, sem perder de vista que as possibilidades de compreensão são múltiplas como são também as possibilidades interpretativas. (grifos das autoras).

A interpretação e a análise dos observáveis tiveram como finalidade investigar, conhecer e intervir na continuidade do projeto educativo, e foi uma ação que ocorreu em um momento posterior à coleta e à organização dos registros.

A escolha sobre o que comunicar através da documentação é um ato político (BRASIL, 2018), que se refere ao âmbito da subjetividade na abordagem da documentação pedagógica. Nas narrativas que integraram o material documental “Como nó e nós”, buscou-se revelar a imagem de criança competente, criativa e produtora de cultura.

A construção de processos documentais é um meio para reconhecer, produzir memória e testemunhar os saberes e fazeres de meninos e meninas em sua trajetória educativa e produção cultural infantil. Possibilita visibilidade ao percurso vivenciado e a participação ativa de crianças e adultos(as).

## **A sistemática de avaliação documentada e participativa**

O processo documental coletivo “Como nó e nós”, construído no decorrer do projeto educativo não presencial, subsidiou a construção das narrativas individuais de cada criança e foi utilizado como instrumento avaliativo. Conforme Oliveira-Formosinho et al. (2019, p. 144) explicam, a sistemática de avaliação documentada tem como propósito contribuir com a aprendizagem:

O primeiro objetivo da documentação e da avaliação pedagógica é apoiar a jornada de aprendizagem individual de cada criança e do grupo por meio de processos de reflexão sobre a vida cotidiana e as atividades diárias, a fim de promover novas aprendizagens.

A avaliação é um fazer contínuo e que envolve os atos de acompanhar e refletir sobre a ação educativa e a aprendizagem da criança, considerando sua singularidade, autoria e potência. O fazer avaliativo subsidiado pela documentação pedagógica é fundamentado em uma imagem de criança produtora de cultura, que atua ativamente na construção da aprendizagem, pois produz teorias e constrói hipóteses para entender a realidade.

Na perspectiva do atendimento remoto na creche, o processo documental das crianças foi composto de narrativas textuais e imagéticas, bem como algumas mini-histórias, que, segundo Bressler et al. (2019, p. 88), são um tipo de documentação que possibilita acompanhar e comunicar os percursos das crianças:

As mini-histórias são fruto do olhar apurado do professor em relação ao que as crianças estão fazendo, tornando especiais momentos que antes pareciam passar despercebidos e que são resgatados graças a uma concepção de aprendizagem, de criança e de currículo que acolhe as múltiplas experiências dos meninos e meninas.

O processo documental da experiência educativa não presencial tornou visível o projeto educativo construído colaborativamente entre a tríade e revelou o itinerário percorrido por cada criança: suas ações, teorias, hipóteses, questionamentos, relatos, celebrações e parceiros(as), conforme é exposto em alguns fragmentos das narrativas de Ana Clara (3 anos e 6 meses), Gabriel (3 anos e 4 meses), Maick (4 anos e 5 meses), Melissa (3 anos e 7 meses) e Núria (3 anos e 7 meses).

## Memória aos fazeres que integravam o cotidiano na creche

O âmbito das relações está no centro do trabalho pedagógico desenvolvido na creche. Em decorrência da suspensão do atendimento presencial, as crianças foram impedidas de estarem juntas para compartilhar o cotidiano com seus pares, brincar, explorar conviver com a diversidade e aprender em companhia. O sentimento de pertencimento aos sujeitos e aos fazeres que integravam o seu dia a dia revela a importância dessa instituição como um espaço educativo e de socialização das crianças.

### Sintomas de saudade!



Gabriel, após ter assistido ao vídeo de acolhida da prô e dos amigos.

Jamile: *Manda beijo para os amigos e a prô.*  
(Gabriel manda beijo)

Jamile: *Você está com saudade dos amigos e da prô?*

(Gabriel faz que sim com a cabeça)

Jamile: *Você ficou feliz de ver a prô?*

Gabriel: *Sim!*

Jamile: *É legal, né?*

Gabriel: *Sim, brincar com meus brinquedos lá na minha escola.*

Jamile: *Você está com saudade da sua escola?*

Gabriel: *Sim.*

Jamile: *Logo, logo você volta com seus amigos lá da escola.*

Gabriel: *Sim.*

Jamile: *Você ficou triste?*

Gabriel: *Sim.*

*Prints do vídeo enviado pela mãe de Gabriel.*

*Maiio/2020*

## Alongamentos da Prô Aline



Ana Clara, em vídeo, mostrou-nos que iria fazer alongamentos (igual à Prô Aline, de Educação Física). Então, fez uma posição erguendo os braços e unindo as palmas das mãos. Em seguida, levantou e dobrou apenas uma perna, e começou a contar: “1, 2, 3...”.

Na sequência, disse: “Agora eu vou alongar as pernas”. Assim, sentada no chão, esticou as pernas e colocou as mãos nas pontas dos pés. Por fim, anunciou: “Vou fazer a bicicleta!” e começou a fazer um vaivém com as pernas, ainda deitada no chão.

*Prints do vídeo enviado pela mãe de Ana Clara.  
Maio/2020*

## Compreensão das crianças sobre os cuidados necessários durante o período pandêmico

A imagem de criança ativa, competente e produtora de cultura considera que meninos e meninas constroem teorias explicativas (RINALDI, 2019) no processo investigativo de questionar, interpretar a realidade e encontrar respostas, sentido e significado nas coisas que os cercam.

### Ana Clara e a máscara de tecido



Ana Clara está aprendendo a fazer o uso correto da máscara de tecido: cobrindo o nariz e a boca. Uma ação de extrema importância para a prevenção da contaminação do coronavírus.

*Fotos e mensagens  
enviadas pela mãe de Ana Clara.  
Maio/2020*

## Conquistas para realizar as tarefas da vida diária

A indissociabilidade entre o educar e o cuidar é um elemento identitário do atendimento pedagógico na creche, o qual se refere ao percurso em que as crianças exploram e constroem “[...] sentidos pessoais e significados coletivos, à medida que vão se constituindo como sujeitos e se apropriam de um modo singular das formas culturais de agir, sentir e pensar” (BRASIL, 2013, p. 89).

### Hora do almoço



Melissa alimentando-se sozinha no momento do almoço. Segura colher com uma mão e o prato com a outra. Serve-se de uma porção de comida e leva-a à boca.

*Prints do vídeo enviado  
pela mãe de Melissa.  
Setembro/2020*

## Os processos investigativos das crianças e suas produções

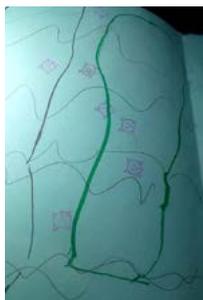
As narrativas do itinerário das crianças são uma prática que testemunha o percurso de meninos e meninas durante o processo investigativo e criativo de construção de saberes.

No contexto do atendimento não presencial, teve-se como prática pedagógica a entrega dos *kits* “Um pedacinho da creche em casa”, uma estratégia para oferecer às crianças materiais para repertoriar seus fazeres, suas investigações e suas produções em casa, junto aos seus familiares.

### Contorno dos pés



Contorno dos pés da Núria.



Contorno dos  
pés do pai.



Contorno dos pés da irmã.



Contorno dos pés da mãe.

Núria utilizou os materiais recebidos no *kit* “Um pedacinho da creche em casa” para fazer uma investigação sobre o desenho do contorno dos pés. Inicialmente, pediu ajuda para contornar seus pés. Em seguida, ela contornou os pés do pai, da irmã e da mãe.

*Prints do vídeo enviado pela mãe de Núria.  
Agosto/2020*

### “Um pedacinho da creche em casa” – Colagem

Nesta segunda entrega do *kit*, oferecemos às crianças materiais para colagem: papéis, formas, figuras e cola.



Maick faz um boneco de si utilizando recortes de camiseta e *shorts*. Inicia a colagem e, em conversa com a sua madrinha, vai anunciando o que vai fazer: “Eu vou colar a minha camiseta.”; “Agora a calça.”. Ao finalizar a sua produção, sorri, bate palmas, diz: “Yeah! Yeah! Yeah!” e questiona: “Ô, dinda, e as meias e os pés?”. Ela responde: “Vai ter que desenhar!”.

*Prints do vídeo enviado pela madrinha de Maick.  
Setembro/2020*

### “Um pedacinho da creche em casa” – Pintura



Nesta terceira entrega do *kit*, oferecemos às crianças materiais para pintura: saquinhos com tinta guache, pincel e folhas de diferentes tamanhos.

Durante sua produção com tinta, Gabriel fica surpreso ao descobrir que, com a sua mistura de tintas, obteve a cor roxa: “Ficou roxo!”, disse ele para sua mãe, que o acompanhava no momento.

*Prints de vídeos e mensagens  
enviadas pela mãe de Gabriel.  
Setembro/2020*

## O boneco



Maick dedica-se a modelar um boneco. Faz, inicialmente, a cabeça. Em seguida, modela os olhos. No vídeo, enquanto manuseia as massinhas, em conversa com sua madrinha, nomeia as cores em língua inglesa.

*Prints do vídeo enviado pela madrinha de Maick. Setembro/2020*

## O brincar

A brincadeira é um espaço privilegiado para a produção cultural infantil. Por essa razão, no decorrer do projeto educativo não presencial, as proposições compartilhadas no grupo virtual pela professora buscaram repertoriar os(as) adultos(as) e as crianças sobre possibilidades para a vivência de diferentes oportunidades de brincadeiras no ambiente doméstico.

### E se o papel se transformar em brinquedo?



Núria com seu chapéu de dobradura



Dobradura de chapéus para toda a família

As crianças e as famílias receberam um vídeo com o convite da professora para produzirem dobradura de chapéu e avião de papel.

Núria fez um para ela e um para cada membro de sua família.

*Fotos enviadas pela mãe de Núria. Agosto/2020*

### Torre de copos



Gabriel construiu sua torre de copos com seu irmão, Lucas. Sua mãe, Jamile, também participou, dando algumas sugestões, como colocar dois copos embaixo para a torre ficar mais firme. Juntos, os irmãos fizeram uma torre bem alta, do tamanho do Gabi.

*Prints do vídeo enviado pela mãe de Ana Clara.*

*Maio/2020*

## Celebração às conquistas

O uso do processo documental como instrumento avaliativo permitiu conhecer e acompanhar (mesmo remotamente) o percurso das crianças, testemunhar suas potencialidades, compartilhar seu percurso e suas produções, bem como celebrar suas conquistas.

### Quebra-cabeça da Mel



Melissa brincou de montar o quebra-cabeça com sua foto junto com sua mãe, Sirley, que colocou a primeira peça (com a parte do seu tronco), e Melissa completou com as demais partes. Ao terminar sua montagem, bateu palmas e sorriu para demonstrar sua satisfação e alegria por sua conquista.

*Prints do vídeo enviado pela mãe de Melissa.*

*Agosto/2020*

O processo documental foi entregue às crianças e às famílias em versão impressa e oportunizou aos meninos e às meninas uma experiência de metacognição, isto é, a retomada do percurso vivenciado e a reflexão sobre sua trajetória e suas conquistas. Para Oliveira-Formosinho e Formosinho (2017, p. 121):

A documentação pedagógica que favorece a narração da aprendizagem permite às crianças a compreensão do que ela aprendeu, de como aprendeu, com quem aprendeu, do que gostou mais, do que gostou menos, as dificuldades, os parceiros. Permite ainda a interpretação de processos e realizações e a consequente significação das situações vividas. A documentação pedagógica facilita simultaneamente a criação de proximidade e distância com os processos de aprendizagem e suas realizações.

Em virtude do contexto de atendimento não presencial, foi acordada previamente com os familiares a gravação de um vídeo das crianças durante a apreciação do seu material documental. Conforme apresentado nos trechos a seguir, por meio das filmagens, foi possível constatar que, com base em suas narrativas, os meninos e as meninas relembra-ram algumas experiências vivenciadas no processo educativo, tomaram consciência sobre seu percurso e se expressaram em diferentes linguagens, por intermédio de gestos, postura corporal, sorrisos e silêncio.

## “Um pedacinho da creche em casa” – Colagem



Nesta segunda entrega do *kit*, oferecemos às crianças materiais para colagem: papéis, formas, figuras e cola.

Gabriel produziu um boneco de si e acrescentou uma bola. Contou-nos que, neste desenho, estava jogando futebol.

Na proposta de colagem, teve a parceria de seu irmão Lucas, quem o auxiliou a utilizar pouca cola em sua produção.

*Prints do vídeo enviado pela mãe de Gabriel.  
Setembro/2020*

– *Uau!* – Gabriel diz em tom de voz alto.

Debruça-se sobre a mesa, observa mais de perto e conta:

– *O dia que eu fiz um bonequinho e um carrinho!*

Sua mãe complementa:

– *Foi o dia em que nós brincamos de formas, né?*

Gabriel confirma:

– *Sim, com as minhas forminhas.*

E continua contando:

– *Mãe, aqui ó, olha, parece um “carrão”!*

*Fragmento da transcrição do vídeo enviado pelos familiares durante a apreciação do processo documental.*

## Hora do almoço



Melissa alimentando-se sozinha no momento do almoço. Segura colher com uma mão e o prato com a outra. Serve-se de uma porção de comida e leva-a à boca.

*Prints do vídeo enviado  
pela mãe de Melissa.  
Setembro/2020*

Melissa suspira ao apreciar sua narrativa imagética e se mantém observando fixamente. Sua mãe comenta:

– *A Melissa papando! Cadê o papá?*

Melissa mantém-se contemplando a si em silêncio. Então, seu irmão responde, apontando para o prato de comida:

– *Aqui o papá!*

*Fragmento da transcrição do vídeo  
enviado pelos familiares durante a  
apreciação do processo documental.*

As crianças apreciaram seu processo documental na companhia de familiares: mãe, irmão e madrinha. Nessa ocasião, os(as) adultos(as) dedicaram-se a orientar os meninos e as meninas sobre alguns cuidados com o material (para não amassar ou rasgar) e a indagá-los(as) sobre os fazeres que estavam ali comunicados, questionando: “*Você se lembra disso aqui?*”; “*O que você estava fazendo?*”; “*Quem é esse?*”; “*Que letra é essa aqui?*”. Esses relatos explicitam a presença do entendimento do fazer avaliativo como uma tarefa classificatória e de verificação dos saberes e das capacidades das crianças. Contudo, a sistemática de avaliação documentada também possibilitou aos familiares uma nova experiência com o fazer avaliativo:

Ela gostou muito, eu vi uma surpresa por parte dela, o interesse em saber que aquilo estava direcionado somente a ela, pra ela. [...] Ela sentiu que teve um significado aquilo ali. *Ela se sentiu significada dentro de um papel.* (Débora, em entrevista, 21 out. 2020; grifos das autoras)

A construção de um processo de avaliação documentada e participativa no contexto de pandemia teve alguns limites decorrentes das particularidades do cenário pandêmico, a citar: o “discreto nível” de participação infantil, em razão das limitações para o diálogo com meninos e meninas e as barreiras para expressarem espontaneamente suas ideias e atuarem ativamente nas ações de tomadas de decisão oriundas do cenário de interações virtuais; os momentos de ausência de interações dos familiares no grupo de WhatsApp, em decorrência dos compromissos de trabalho e rotina doméstica; e a impossibilidade de as crianças estarem juntas, interagindo e brincando em companhia umas das outras. Ainda assim, foi possível a efetivação de uma prática avaliativa contextualizada e processual, que tornou visíveis as produções das crianças e a intencionalidade docente, além de revelar uma imagem positiva de cada um(a).

A sistemática de avaliação documentada e participativa efetivada remotamente suscita refletir sobre indícios para novos fazeres para o retorno ao atendimento presencial na creche. Desse modo, tem-se como proposição a construção de uma nova cultura sobre a concepção e as práticas avaliativas, de modo a romper com o caráter burocratizado e descontextualizado, e que avance para uma ação integrada ao cotidiano educativo, subsidiada pela documentação pedagógica, construída por vozes plurais, que se dedicam em contribuir e se maravilhar com a jornada de aprendizagem de meninos e meninas.



# 3

## Por uma nova cultura avaliativa na creche

A construção de uma sistemática de avaliação que comungue com as especificidades do atendimento pedagógico da creche é um desafio a ser consumado no interior das instituições. Para tanto, é necessário construir caminhos para a efetivação de uma prática avaliativa processual e contextualizada ao cotidiano pedagógico, que envolva os olhares e as vozes de adultos(as) e crianças no processo de conhecer e acompanhar a ação educativa desenvolvida e o percurso de aprendizagem das crianças.

Em consonância com o paradigma de avaliação de acompanhamento assegurado nos documentos oficiais para educação infantil, considera-se a sistemática de avaliação documentada como uma prática que possibilita compreender e comunicar o itinerário educativo das crianças, pois: “Toda vez que a aprendizagem se torna visível por meio de exemplos reais de trabalho, palavras e ações das crianças, existe a oportunidade de compreender esse pensamento e o potencial das crianças” (FYFE, 2016, p. 280).

O fazer avaliativo é uma ação contínua, que se desenvolve ao longo do projeto educativo. Nesse sentido, o conceito de documentação pedagógica subsidia o acompanhamento e a reflexão sobre o percurso trilhado pelas crianças em sua jornada na creche. De acordo com Azevedo (2009, p. 12):

Através da documentação (da observação, da escuta e da interpretação), a avaliação entra imediatamente no processo ensino-aprendizagem passando a integrar a experiência no espaço e tempo da sua ocorrência, isto é, a avaliação realiza-se no contexto (no espaço) e durante o processo (no tempo) em que a experiência ou a atividade se desenvolve. Significa então, do ponto de vista epistemológico, que a documentação sustenta uma avaliação processual e contínua que pode sugerir modificações no processo de aprendizagem. Significa também que a avaliação permite uma melhor compreensão do presente e ajuda a estabelecer metas para o futuro.

A documentação permite conhecer a criança, revelar sua identidade e sua subjetividade, bem como testemunhar sua autoria, rompendo com a perspectiva de “seres do ainda”: ainda não sabe, ainda não consegue. Possibilita também que o fazer avaliativo ocorra em parceria entre a tríade, o que implica uma prática pedagógica dialógica, em que todos(as) os(as) envolvidos(as) têm garantido o seu direito de fala e escuta.

A vivência dialógica é uma premissa para a prática educativa participativa. De acordo com Freire (1996), o diálogo é uma “exigência existencial”, que busca romper com as relações opressoras. Sobre a escuta às crianças, em específico, é preciso saber escutá-las, pois elas expressam-se em suas cem linguagens (MALAGUZZI, 2016).

A sistemática de avaliação documentada e participativa possibilita a ação colaborativa no processo de coleta de informações, reflexão e comunicação dos itinerários de aprendizagem. Para Oliveira-Formosinho (2019, p. 131):

A avaliação por meio da documentação, é conduzida por múltiplas vozes que conversam; a avaliação passa pelo escrutínio de vozes plurais em diversas circunstâncias. Revelar a aprendizagem solidária significa a triangulação

de todas as vozes detentoras do direito democrático de participar, possibilitando que, dessa forma, sintam pertencimento ao processo de avaliação, tradicionalmente visto como uma arena de poder somente acessível aos profissionais.

A documentação pedagógica construída ao longo das experiências da trajetória educativa e em parceria com a tríade, apresenta informações que contribuem para o acompanhamento da aprendizagem das crianças, uma vez que narra o percurso trilhado, sendo este um meio para revisitar, comunicar e criar memória sobre as vivências e os fazeres na construção da sua aprendizagem. “Documentar e avaliar é se preocupar em descobrir e compreender os modos como as crianças atribuem significado a suas experiências de aprendizagem, criando narrativas em processos comunicativos” (OLIVEIRA-FORMOSINHO et al., 2019, p. 143), destacando o processo de cada um(a), e não conceitos e resultados (DAVOLI, 2017).

A construção de uma nova cultura para o fazer avaliativo na creche procede de um olhar sensível, atento e investigativo dos(as) adultos(as) (professor/a, educador/a, gestores/as e familiares), de “um adulto que se interessa” (ALTIMIR, 2017) e que se coloca em companhia aos meninos e às meninas. Nessa perspectiva, a gênese da avaliação fundamenta-se em “um olhar que valoriza” (RINALDI, 2014) para construir significado, tornar visível o percurso, celebrar conquistas e produzir memória em um contexto educativo emancipatório, de relações dialógicas e compartilhamento do poder e das aprendizagens.

# Referências

ALTIMIR, David. Escutar para documentar. In: MELLO, Suelly Amaral; BARBOSA, Maria Carmen Silveira; FARIA, Ana Lúcia Goulart de (Org.). **Documentação pedagógica: teoria e prática**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2017. p. 57-75.

AZEVEDO, Ana Maria Lourenço C. **Revelando as aprendizagens das crianças: a documentação pedagógica**. 2009. 271f. Dissertação (Mestrado em Estudos da Criança) – Instituto de Estudos da Criança, Universidade do Minho, Minho, 2009.

BRASIL. **Lei n. 9.394, de 20 de dezembro de 1996**. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/Leis/L9394.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L9394.htm)>. Acesso em: 15 jan. 2021.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil**. Brasília: MEC, SEB, 2010.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. Diretoria de currículos e educação integral. **Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Básica**. Brasília: MEC, SEB, DICEI, 2013.

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: MEC, 2017. Disponível em: <<http://basenacionalcomum.mec.gov.br>>. Acesso em: 15 jan. 2021.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. **Documentação pedagógica: concepções e articulações – Caderno 1**. Brasília: MEC/UNESCO, 2018.

BRESSLER, Danielle Klein et al. As mini-histórias como instrumento de comunicação entre família e escola. In: FOCHI, Paulo (Org.). **Mini-histórias: rapsódias da vida cotidiana nas escolas do Observatório da Cultura Infantil (OBECI)**. Porto Alegre: Paulo Fochi Estudos Pedagógicos, 2019. p. 87-103.

DAHLBERG, Gunilla; MOSS, Peter; PENCE, Alan. **Qualidade na educação da primeira infância: perspectivas pós-modernas**. Porto Alegre: Penso, 2019.

DAVOLI, Mara. Documentação como argumentação e narração: dar visibilidade e forma aos processos da vida cotidiana. In: MELLO, Suely Amaral; BARBOSA, Marica Carmem S.; FARIA, Ana Lucia G. de (Org.). **Documentação pedagógica: teoria e prática**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2017. p. 99-109.

FOCHI, Paulo. As mini-histórias como um conceito de narrativa pedagógica. In: FOCHI, Paulo. (Org.). **Mini-histórias: rapsódias da vida cotidiana nas escolas do Observatório da Cultura Infantil (OBECI)**. Porto Alegre: Paulo Fochi Estudos Pedagógicos, 2019. p. 11-28.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FYFE, Brenda. A relação entre documentação e avaliação. In: EDWARDS, Carolyn; GANDINI, Lella; FORMAN, George. **As cem linguagens da criança: a experiência de Reggio Emília em transformação**. Porto Alegre: Penso, 2016. p. 273-289.

HOFFMANN, Jussara Maria L. **Avaliação na pré-escola: um olhar sensível e reflexivo sobre a criança**. Porto Alegre: Mediação, 1996.

HOFFMANN, Jussara Maria L. Avaliação mediadora na educação infantil. In: GUIMARÃES, Célia Maria; CARDONA, Maria João; OLIVEIRA, Daniele Ramos de (Org.). **Fundamentos e práticas da avaliação na educação infantil**. Porto Alegre: Mediação, 2014. p. 243-254.

HOFFMANN, Jussara Maria L. **Avaliação e educação infantil**: um olhar sensível e reflexivo sobre a criança. Porto Alegre: Mediação, 2018.

MALAGUZZI, Loris. História, ideias e filosofia básica. In: EDWARDS, Carolyn; GANDINI, Lella; FORMAN, George. **As cem linguagens da criança**: a abordagem italiana de Reggio Emília na educação da primeira infância. Porto Alegre: Penso, 2016. p. 57-97.

MARQUES, Amanda Cristina Teagno L. **A construção de práticas de registro e documentação no cotidiano do trabalho pedagógico da educação infantil**. 2010. 390f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010.

OLIVEIRA-FORMOSINHO, Júlia. A documentação pedagógica: revelando a aprendizagem solidária. In: OLIVEIRA-FORMOSINHO, Júlia; PASCAL, Christiane. **Documentação pedagógica e avaliação na educação infantil**: um caminho para a transformação. Porto Alegre: Penso, 2019. p. 111-134.

OLIVEIRA-FORMOSINHO, Júlia; FORMOSINHO, João. Pedagogia-em-Participação: a documentação pedagógica no âmago da instituição dos direitos da criança no cotidiano. **Em Aberto**, Brasília, v. 30, n. 100, p. 115-130, set./dez. 2017.

OLIVEIRA-FORMOSINHO, Júlia; FORMOSINHO, João; PASCAL, Christine et. al. Princípios para uma avaliação pedagógica holística. In: OLIVEIRA-FORMOSINHO, Júlia; PASCAL, Christiane. **Documenta-**

**ção pedagógica e avaliação na educação infantil:** um caminho para a transformação. Porto Alegre: Penso, 2019. p. 137-148.

OSTETTO, Luciana Esmeralda. No tecido da documentação, memória, identidade e beleza. In: OSTETTO, Luciana Esmeralda. (Org.). **Registros na educação infantil:** pesquisa e prática. São Paulo: Papyrus, 2017. p. 19-53.

PASCAL, Christine; BERTRAM, Tony. Métodos participativos de coleta de informação e avaliação. In: OLIVEIRA-FORMOSINHO, Júlia; PASCAL, Christiane. **Documentação pedagógica e avaliação na educação infantil:** um caminho para a transformação. Porto Alegre: Penso, 2019. p. 75-95.

RIERA, María A. Do olhar ao observar. In: HOYUELOS, Alfredo; RIERA, María Antonia. **Complexidade e relações na educação infantil.** São Paulo: Phorte, 2019. p. 73-115.

RINALDI, Carla. Documentação e avaliação: qual a relação? In: ZERO, Project. **Tornando visível a aprendizagem:** crianças que aprendem individualmente e em grupos/Reggio Children. São Paulo: Phorte, 2014. p. 80-90.

RINALDI, Carla. **Diálogos com Reggio Emilia:** escutar, investigar e aprender. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2019.

ROCHA, Eloisa Acires Candal. **A pesquisa em educação infantil no Brasil:** trajetória recente e perspectivas de consolidação de uma pedagogia. 1998. 187f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas. Campinas, 1998.

SARMENTO, Manuel Jacinto. Gerações e alteridade: interrogações a partir da sociologia da infância. **Educ. Soc.**, Campinas, v. 26, n. 91, p. 361-378, maio/ago. 2005.

SOARES, Natália Fernandes. **Infância e direitos**: participação das crianças nos contextos de vida: representações, práticas e poderes. 2005. 506f. Tese (Doutorado em Estudos da Criança) – Instituto de Estudos da Criança, Universidade do Minho, Minho, 2005.

VIEIRA, Natália Francisquetti S. **A avaliação documentada e participativa na creche no contexto de pandemia**: narrativas da trajetória de aprendizagem. 2021. 221f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-graduação em Educação, Universidade Municipal de São Caetano do Sul, São Caetano do Sul, 2021.

TONUCCI, Francesco. **Quando as crianças dizem**: agora chega! Porto Alegre: Artmed, 2005.

WEFFORT, Madalena Freire. **Observação, registro e reflexão**. Instrumentos Metodológicos I. 2. ed. São Paulo: Espaço Pedagógico, 1996.

# Sobre as autoras



*Natália Francisquetti Silva Viera*

Mestre em Educação pela Universidade Municipal de São Caetano do Sul (USCS) e graduada em Pedagogia. Professora de Educação Infantil na Rede Municipal de Educação de Santo André (SP) e professora do Ensino Fundamental na Rede Municipal de São Caetano do Sul (SP). Membro do Grupo de Estudos e Pesquisa Infâncias, Diversidade e Educação do Programa de Pós-Graduação em Educação, Diversidade e Educação (GEPIDE-PPGE-USCS). Autora de artigos científicos em educação.

[ACESSE O CURRÍCULO DA AUTORA](#)



*Marta Regina Paulo da Silva*

Doutora em Educação pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), mestre em Educação pela Universidade Metodista de São Paulo (UMESP), graduada em Pedagogia e Psicologia. Docente-pesquisadora do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Municipal de São Caetano do Sul (PPGE-USCS), líder do Grupo de Estudos e Pesquisa Infâncias, Diversidade e Educação (GEPIDE), coordenadora do Grupo de Estudos e Pesquisa Paulo Freire. Autora de livros e artigos científicos em educação.

ACESSE O CURRÍCULO DA AUTORA



PUBLICADO PELA AMÉLIE  
NO OUTONO DE 2021